REDENÇÃO

Otacilio de Azevedo

Foi provavelmente em 1943 (quando dos sessenta anos da Abolição dos Escravos no Acarape) que o poeta OTACÍLIO DE AZEVEDO, nascido em Redenção em 11 de fevereiro de 1896, escreveu REDENÇÃO, que subintitulou de "Poema Heróico da Abolição dos Escravos, a 1.º de janeiro de 1883", poema que seria publicado em 1944, em edição da Livraria José de Alencar, com dedicatória a Perboyre e Silva, Paulo Franco, Fernandes Júnior, Joaquim Pereira de Moura, Manoel Isaac Pontes e Henrique César Moreira, e composto de 67 estrofes de quatro versos alexandrinos. Acrescido de mais uma estrofe, esse poema foi incluído no livro DESOLAÇÃO, publicado em 1947.

A Revista do Instituto do Ceará, ao reproduzir o poema, presta sua homenagem à cidade de Redenção, que comemorou o Primeiro Centenário da Abolição da Escravatura e homenageia, também, um dos seus filhos mais brilhantes.

REDENÇÃO

Sob o claro esplendor de amplo céu de cobalto
que arde aos beijos do sol que ilumina a amplidão
dentro do círculo de pedras de um planalto,
fulge, alegre e feliz, radiosa, Redenção!

Banha-lhe o corpo glauco a linfa azul que desce
de topazio em topazio, ao seu próvido seio
cuja fonte é Pau-d'Alho, a mesma que engrandece
a bacia fluvial do Acarape do Meio.

Rochedos ancestrais, copiosa caça escondem...
Há o peixe, o fruto, e o mel de auríferas abelhas.
Lá em baixo, olhando do alto, às mil se correspondem
casas brancas de luar, com o pôr do sol nas telhas...

É a página de amor arrancada ao compêndio
da grandeza onde o heroismo aliado aos corações
suplantaram no brilho o crepitante incêndio
do oiro de Ali-Babá e os quarenta ladrões!

Das longas chaminés saem novelos de fumo...
A moagem principia. A colheita é depois.
O caminhão, rasgando estradas, segue o rumo
onde, outrora, gemeu velho carro de bois...

Do milharal maduro, o oiro as espigas veste.
O algodoeiro capulha, o arroz, flébil, cacheia
Verde, o bananeiral alça as folhas e investe
contra o vento. Do rio houve a última cheia.

O canavial levanta as espadas esguias
das folhas à bandeira azul do firmamento,
Vibram da luz solar nas claras ardentias
os penachos de pluma, oscilantes, ao vento!

É um mar revolto que se move e convulsiona
outro mar de pendões que os sítios engrinalda.
Milhões de aves, ruflando as asas, vêm-lhe à tona
como estrelas, a flux, sobre um céu de esmeralda.

É o exercito de Deus, que o pátrio lar defende
contra a miséria e lhe dá forças no trabalho.
De ponta a ponta, ao sol, as fileiras estende,
desde o arroio que canta, ao retinir do malho!

Ainda trago à memória a Redenção antiga,
com seus morteiros no alto e suas noites de festas.
Do ermo carro de bois a saudosa cantiga,
e a casa onde morei, entre lianas e giestas...

Emoldura-lhe, o verde azulado da serra
que a circunda através de um ósculo divino.
Terra Mãe! cujo ser só tesoiros encerra,
certo a lâmpada tens do mágico Aladino!

No cabeço do monte, o pedegrulho, à sesta,
à soalheira que fulge e nos deslumbra a vista,
dir-se-ia de granada um bloco e, em cada aresta,
o reflexo lilás de uma grande ametista.

O ambiente lhe perfuma o roseiral silvestre,
a baunilha, o mofumbo, o amplo imbuzeiro em flor,
é um garbo se lhe ver a paisagem campestre,
— fonte de inspiração do poeta e do pintor!

O arado substitui a charrua. O progresso
assinala o seu ponto autêntico de apoio.
É a ampla forma motriz, num dinâmico acesso,
que separa do trigo a parcela do joio.

Dentre a sáxea região do ínvio terreno informe,
onde os penhascos se levantam erectos, nus,
ante sarças de fogo, afluem à massa informe
urtigas, aguilhões, cardos, mandacarus...

Três quilômetros mais, o açude do Formiga,
em cujas margens o garoto lança o anzol,
parte do litoral perenemente irriga
como líquido estanho, efervescente, ao sol.

E ainda há as furnas de pedra onde as onças matreiras
sáurios, em derredor, famélicas, consomem
mas que, de instante a instante se acham prisioneiras
pela força brutal dos férreos pulsos do homem!

— É o rincão varonil de antepassada glória,
que os grilhões rebentou da humana gente escrava
cujo feito impoluto assinalou na História
a página de luz que o Brasil desejava!

Terra em que despertei do casulo do sonho,
— crisálida do ideal numa ansiedade inquieta,
para as asas abrir sobre o espaço risonho,
na efêmera ascensão de um novo I'caro, poéta!

Á praça principal D. Isabel, a igreja,
testemunha do feito heróico de seu povo,
amplas torres levanta ao espaço e o sol as beija
através de um sorriso, aurifulgente e novo!

Como argênteo brilhante incrustado na borda
da serra, entre florões de madresilva e acácia,
uma linda aquarela esplêndida recorda
a capelinha de Santa Rita de Cássia.

Voltemos, entretanto, ao passado... Há uns cincoenta
e sete anos à gleba a que amo e que idolatro...
De tudo o que se segue, em época nevoenta,
Redenção, Acarape, a esse tempo, foi teatro.

Sobe o pano... O cenário é a mesma praça antiga
do Mercado onde estão a classe pobre e a média.
Nem Shakespeare lhes suplanta o enrêdo-atroz que o diga
o exórdio principal da histórica Tragédia.

Juntam-se, em plena praça, os asseclas do crime.
— É o dia designado à horripilante feira.
A ânsia atroz do ludíbrio e da ganância oprime
toda a corja que exulta e se põe em fileira.

É o conjunto bestial da torpe vilania,
do despotismo, da luxúria e vilipêndio.
Em cada rubro olhar a ígnea volúpia ardia
do sinistro clarão de um coruscante incêndio!

Era o instinto feroz do escravocrata odioso,
que a raça negra subjugava, à revelia,
com o direito integral de interceptar-lhe o gozo
da ventura, sequer, de ser feliz, um dia!

É o comércio venal do estrangeiro africano,
de espírito revel, relapso, ignóbil, espúrio,
que, além de negociar o frágil ventre humano,
supera, em perspicácia, o olímpico Mercúrio!

A cabocla é vendida a quem der maior lance!
Despem-na, como outrora, à helenica Frinéia...
Nem Castro Alves sonhara o trágico romance,
cujo enrêdo equivale a mais rubra epopéia!

Infeliz a mulher, cujo corpo agradasse
do régio malfeitor aos olhos luxuriantes,
seria o inseto que, de chofre, mergulhasse
do vampiro sensual as negras fauces hiantes...

É a mestiça que vende ao vândalo corruto
o próprio ser que traz nas túmidas entranhas...
Árvore que floriu mas que amargara o fruto,
como a relva que nasce, entre urzes, nas montanhas.

Cada qual avançava à preferida presa,
dente cerrado, olhar em fogo, armas em punho.
Moedas de oiro a rolar, sobre asquerosa mesa,
decidiam, depois, a sorte por seu cunho.

E era assim que o mercante ignaro e presunçoso,
aumentava o terror do enorme cativeiro,
e o fazia rolar sobre o mar revoltoso
dentre a exígua prisão de um navio Negreiro!

É um labirinto atroz de misérias tremendas,
gritos, imprecações, satânico alvoroço...
Nem o lápis genial de Debret ou Rugendas,
conseguiriam lhes fazer um tênue esboço...

Mãe Joana ainda recorda o filhinho com fome,
pois o seu leite era do filho do verdugo,
e a mágua que a deprime e a vida lhe consome
mais lhe aumenta o terror do inominável jugo.

Nos olhos de Mãe-Preta, há um Niágara de pranto.
A dor que a faz sofrer força não há que esmague...
Pai João envelheceu de chorar... sofreu tanto
do pelourinho cruel ao queimor do azorrague!

Tigelinos e Nero eram, ali, substituídos
no círculo revel da hipócrita canalha.
Sucedem-se ao clamor, novos, fundos gemidos
e o rodopiar do rêlho ríspido os retalha...

E era assim pelo horror sem tréguas pela astúcia,
pela força brutal do valor do dinheiro,
que em seus bens aumentava a gananciosa súcia
de larápios que usurpa o negro cativeiro...

É a tragédia glacial da escravatura! Vêde:
— Esse exposto ao rebenque enérgico e ferino
se de Tântalo sofre a abrasadora sede,
mata-o, de pouco a pouco, a fome de Ugolino!

Ouve-se o entre-chocar de pesadas correntes
desde o nascer do sol até que a noite aponte.
Dir-se-iam pelos seus membros nus, as serpentes
que se enroscaram sobre o grupo de Laocoonte...

E aos gritos de estertor dos cativos sangrando,
pais e mães e, ainda mais, aos soluços dos filhos
seguem-se outros... No olhar do miserável bando
há o pressago palor de mortuários vidrilhos.

A casa de farinha era o antro, a masmorra!
A mandioca era moida ao sabor do queixume...
É salobra a água suja, o pão negro era a bôrra
de outros pães, cuja massa exalava azedume!

É no Engenho. Os patrões não precisam de bois,
têm os negros que sob o estilete e a algazarra,
os corpos gotejando o suor, dois a dois,
movem, morosamente, as moendas, à almanjarra.

A garapa que extraem da álgida cana doce
e que para alambique a grande bica entorna
ai daquele que, ousado, usufrui-la fosse
obrigavam-no, após, a beber a tiborna!

Dentre a senzala, que era berço e que era tecto,
e que, em verdade, não passava de enxovia,
a asa de oiro baixou de um sonho predileto,
— a esperança final da carta de alforria...

Homens rudes, não há que do mal se condoam,
e, antes que a luz do oriente as cortinas entreabra,
rios de pranto e sangue o atro solo enodoam,
ao chicote que dansa uma valsa macabra...

Mas Redenção que se aguardava, há muito, ansiosa,
mal a aurora rompeu do ano de oitenta e três
quis por seu turno a rebelião e, mais gloriosa
que o resto do Brasil, proclamara-a de vez!

Foi a primeiro de janeiro daquele ano
que o corpo lhe correu, como elétrica pilha
o bravo destemor mais que sagrado e humano,
e mais glorioso que a tomada da Bastilha!

Foi a dextra que alçou ao torpe senhorio
o rebenque da infâmia e o látego ao vilão.
De olhos de mães, a mão que ainda estancara o rio
de lágrimas e ao noivo abrira a vil prisão.

O momento em que ecoou, de quebrada em quebrada,
de serra em serra, ao longe, o estribilho supremo...
Hora em que a escrava poderia ser amada
e a rosa deste amor desabrochar no extremo!

Foi o gênio do bem que vencera o empecilho,
e marchou contra o mal de fronte erguida e austera.
Cada mãe recebera em seus braços, o filho
como a flor que recebe o orvalho, à primavera!

E a negra escravidão que a raça subjugara,
e tornara-a oprimida e em tudo sabalterna,
era uma espécie de terror que se alastrara
tal na Mitologia o monstro — hidra de Lerna.

Foi o beijo auroreal que exterminara a treva,
que havia no burel daquela hórrida noite
sob cujo negror, membros lassos, a leva
de oprimidos se estorce ao redobrar do açoite!

Realizara-se, então, o grande sonho loiro,
que a pena não descreve e o pincel não define,
sonho em que mergulhou, como num ciclo de oiro
o espírito imortal de um Ângelo Agostini!

Era o toque final do clarim da vitória,
que ecoava da cidade aos longínquos desertos.
Uns riam de prazer — outros a extinta escória
dos déspotas, depois, achincalham libertos!

Foram férreos titãs da odisséia gloriosa
cinco anos a seguir, Nabuco, Souza Dantas,
Paranhos, Nascimento, Amaral, Rui Barbosa,
e a Princesa Isabel — a mais santa das santas!

Para se descrever a miséria tremenda
dos escravos, tal qual, precisamente foi
fora inútil, talvez, com toda a corrigenda,
a pena magistral do próprio Edgard Poe!

Quem o valor dirá dessa plêiade de astros
que se empenhara em prol da redenção? Define-o
a obra sólida e sã, que outras leva de rastros,
desse que se chamou José do Patrocínio!

Dentre os homens, de fato, onde à potência exulta
no ponto primordial da peleja ferrenha
sobre todos um só primeiramente avulta
— Semeão Teles de Menezes Jurumenha!

Nunca mais dormireis no duro chão de argila,
onde passáveis os momentos mais amargos,
sob o tremendo olhar do guarda — o cão de fila —
que era Cérbero e tinha a vigilância de Argus!

E no céu que se arqueia e de estrelas se borda
como brilhantes num estojo todo azul,
ante o imenso prazer que os corações transborda,
fulge a constelação do Cruzeiro do Sul!

Todas as ruas se embandeiram de mil cores,
é impossível supor a alegria geral...
Atapetam-se, em cheio, as calçadas de flores,
dizem velhinhos: — Nunca houve festa igual!

Cruzam de palhas de coqueiros as esquinas,
à guisa de arcos de triunfo. O sino plange...
— É a chamada dos fiéis, às horas das matinas.
Crepuscula. Da lua aparece o áureo alfange.

Terminara o furor ciclópico dos relhos.
Fora Perseu que vendo a vil megera intrusa,
sem auxílio sequer de mágicos espelhos,
decepara a cabeça horrível de Medusa!

Foi um dia de festa e regozijo. As praças
regorgitam. É o grande ideal que venceu...
O apóstolo de Deus a missa canta, em graças
do instante mais feliz que Acarape viveu!

E os seus cabelos, salamândricas serpentes,
que se estorceram, venenosas, pelo chão,
semelhavam, depois, as tétricas correntes
cujos élos quebrou, sozinha, Redenção!

Terra-Mãe. A sonhar com teu mundo azulado,
de estrelas de oiro a arder na cúpula de anil!
sem Ayescha que de mim se apiéde, destronado,
choro, como o fizera o Rei Moiro Boabdil!

Que outro te louve a glória e o grande feito cante,
pois que eu, pobre de mim, não te soube exaltar...
E que esse outro o que imploro aos céus me não suplante
neste ardor com que sei, mais que ninguém te amar!

Recebe, pois meu verso humílimo, num fausto
de ânsia e veneração — nostálgico penhor
que te irá oscular, num profundo holocausto,
na infinita extensão deste infinito amor!

Fortaleza, dezembro de 1943